

Conto phantastico

Srs.—Um dia o homem achou-se sob o manto azulado do ceu aziatico, solitario e meditativo, rodeiado de mil prodigios de que elle ignorava a origem, mas que entretanto lhe pareciam destinados á seu mando e á seu dominio. Rei pela organização, rei pela intelligencia, elle dominava as extensões sem limites e revolvia no cerebro o pensamento, que, á seu prazer, fazia alternativamente subir alem das nuvens que enovelavão-lhe a fronte como uma coroa e abaixo do mar que lambia-lhe as plantas como um mastim; entretanto elle sentia-se só; rodeiado de tantas maravilhas elle vivia em solidão; a natureza era-lhe um hymno incompleto, um poema sem a ultima e mais bella pagina; elle via em todos aquelles esplendores um altar erguido ao culto de um sentimento que ainda não sabia chamar amor, e á este altar faltava a divindade; até que ella surgiu enfim; Deus sorriu de lá de sua magestade e ella cahiu do ceu na forma de um anjo, roçou no espaço na forma de uma lagrima, surgiu no mundo na forma de uma mulher. O homem á vê á seu lado, a estreita em seus braços, e no transporte da mais viva emoção exclama:—está completa a obra da Creação, e consummou-se o amor sobre a terra.—Srs., proponho um brinde á mulher, á divindade do amor.

Uma gargalhada immensa estrugiu no interior da tasca, e os copos permanecerão immoveis sobre o balaão, a lampada quasi apagada bruxoliou uma claridade, como se quizesse rir tambem. Valero continua:

—Perdidos, homens sem alma e sem consciencia, desdenhaes da mulher! desdenhaes do amor! ride-vos de que a materia tem de mais perfeito, de que a alma tem de mais sublime!

Nova gargalhada e novo bruxolear da lampada incredula.

—Valero, (falla Genaro o mais ebrio e o mais sombrio dos alegres convivas) és uma criança e fallas com a ingenuidade da inexperiencia, tens ainda a candura de uma donzella e a formosura de um Adonis, mas escuta, és um grande sonhador. A mulher apparece-nos aos vinte annos como uma roza e o amor como as azas fagueiras de uma illusão, porem mais tarde, quando o inverno da vida gela-nos o coração, quando sente-se o corpo inerte como um cadaver e vasio como um tumulto; quando se tem transposto estes umbraes com a realidade gelada no coração, como o scepticismo agarrado á consciencia, quando o mundo se estende deserto como um cemiterio, quando tem-se esgotado a faça onde o absinthio fuma e escalda, em busca de uma illusão, e nem mesmo se a encontra no mundo phantasiado pelos vapores rosados dos espiritos, onde tu, meu poeta, dirias que a alma doudeja de sonho em sonho, como por entre o sudario da tempestade doudeja a luz sulfurosa do relampago de nuvem em nuvem na concavidade do firmamento; oh! quando se tem prelibado todos os vinhos do deleite; quando o corpo cataleptico já não vibra ao fogo calcinante do absinthio, nem como o anamaculo de Galvani, estremece ao choque electrico de um beijo, e contra os rochedos da vida tem se rompido a barca de todas as esperanças, de todas as illusões, a mulher surge-nos então como um espectro e o amor como uma mentira.

—E pensarás tu, Genaro, ter vivido quem na libação de todos os gozos, de todas as sensualidades, sentiu entorpecer se lhe o espirito como o viajor nos gelos do S. Bernardo? Acaso amaste? tiveste acaso n'alma este sentimento immenso como a propria immensidade, infinito como o proprio infinito e que ainda mesmo d'alem do marmorê do tumulto parece-nos fallar da immortalidade?

—Ah! ah! ah! a alma! o amor! A alma, Valero, este ar subtil como o oxigênio dos químicos evapora-se e perde-se no espaço quando o corpo estremece na ultima convulsão da vida. Não passaste a noite por um cemiterio ou por um pantano? não viste um fogo que foge tremulo das sepulturas frescas, ou das aguas apodrecidas? pois é a alma que foge ao corpo, é a «intellechia» de Aristoteles decomposta em seus elementos. O amor! É crês tu em versos de Petrarca? O amor é o banho de Phriné nas aguas do Eleusis, é o beijo no labio incendiado de uma Aspasia, o somno nos braços flacidos das Marcôs, e, senão dize-me, porque procuras o bello para amar?

—Porque a belleza traz-nos uma ideia da divindade e o amor não é senão um vôo para Deus, a approximação do espirito para a sua Essencia.

—Qual espirito, Valero, diz antes que a belleza é a inspiração da volupia, de que se nutre o amor.

—Que ouzas dizer Genaro? negas teu proprio ser! e o pensamento, esta faísca de luz eterna que te illumina o cerebro?

Valero, a ideia, scintilla de luz como chamas, não é senão o resultado de uma combustão constante que se opera no cerebro como no ventre de uma cratera, e que, como uma lampada, bruxoleia, vacilla, e morre se lhe falta a materia que alimentava-lhe a vida.

—Mas para fallar-se assim é mister ter-se uma pedra no lugar do coração.

—Sim, Valero, eu a tenho, ella sella a sepultura de minhas illusões, eu a suerguerei um pouco para mostrar-te as todas mortas, escuta:

(Continúa.)

◉ BIZOURO ◉

Parodia á poesia—Beija-flor de T. Barreto)

Era uma moça sovina,
De perna comprida e fina,
Tão feia que é raro ver;
Magra, de rosto franzido,
Mostrando o roto vestido
Toda suja ao amanhecer.

Vede-a lá! —è a serpe viva!
Que bocca! A gente s'esquiva
De vel-a tão grande assim!
Seus beiços, em vez de labios,
Trazandam tão máo resabio,
Que parece um «petoim.»

E viu que todos correram,
E que os risos proromperam,
Quando ha pouco appareceu;
Nos pretos dentes raivosá
Morde a lingua venenosa,
Que velozmente encolheu.

E entanto a lingua damnada,
Que constrata afôguiada
Do seu rosto a hidiondez,
Lambendo as espumas suas
Parece que diz—nós duas!
E a bocca emenda—nós tres!

Vai n'um andar furioso,
Quando um bizouro teimoso
Zumbir-lhe no rosto vem,
Sente o baso da donzella,
Bate então na face della,
E quer-lhe os beiços tambem.

Revolta-lhe a natureza,
Levanta o braço em defeza,
Com uma lanterna na mão;
Vai ao bizouro raivosa...
Cai-lhe a lanterna lustrosa,
Que se esmigalha no chão.

Não sei o que a moça falla,
Que abre a bocca e então estalla,
Como o estalar d'um furor!
Vôa em cima o insectozinho,
Quer tocar com o ferrãozinho
Nos beiços da bronzea cor!

A moça que se empeçonha,
A' saltar totla medonha
Procura o insecto matar;
Nesse empenho os seios ambos

Deixam ver dous murchos jambos
D'algun velhusco pomar.

Forte zanga! zanga horrivel!
Por tal cousa é impossivel
Dizer-se o que então se deu;
Ha factos que não se esquece
Na vida... e a mim me p rece
Que o insectozinho venceu.

Conheço a moça sovina,
Que de raiva se amofina
Pensando n'algun thesouro,
Fica assanhada, rugindo,
Quando todos contam rindo
A historia desse bizouro.

1º, de Novembro de 1879.

••••

Sunt lacrimae rerum

(A' memoria de T. Ottoni)

Gigante fel-o Deus! A luz, a liberdade
Brotavam-lhe do verbo. Ao sol da Divindade
Banhara a fronte audaz, o antiste do porvir!
Era o Titão pendido a burilar na ideia
A estatua popular, tormenta que semeia
As sementes do céu ás gerações por vir!

A plaga de Colombo, a concha azul dos mares
Foi-te escabello ou berço? á sombra dos palmares
Ou sobre a cordilheira ouviste o povo ou Deus?
Venceste a Esphinge tu? da creação na tella
Buscaste ver a luz? d'estrella após estrella,
D'espaco após espaco acaso foste aos ceus?

O povo viu-te, á ti, á despertar das campas
Do passado a legenda, e n'amplidão dos pampas
Entoar o canto livre, o canto dos heróes!

O passado era grande, a historia immensa, enorme
Da geração que foi-s; e ao povilão que dorme
Ergueste inda a sangrar a ossada dos avós!

Adormeceste enfim! Da terra-mãe na entrancha,
Pousaste o corpo, Anteu; e o vento da montanha
Perpassa a soluçar um cantico de dor!
Era bem cedo ainda! E' mudo o altar da ideia,
O povo—o Christo eterno a escuridão tacea,
E busca em vão ser livre em plaga do Equador!

P'ra nós—os rebentões dos avoengos grandes,
Tão grandes como o ceu, tão grandes como os Andes,
E' tua historia—sol, teu pensamento—luz!
Tribuno eras um povo! e as multidões pasmadas
Guiava-as, qual Moysès! na patria dos Andradas
Tu foste o Prometheu e a vida foi-te cruz!

Ah! dorme o somno eterno! O longo continente,
O monte, o oceano, o ceu em cantico plangente
Cantar-te-hão na tumba o grande funeral!
Ah! dorme o somno eterno! Em bronze o povo um dia
Na praça te erguerá, e extensa serrania
Servir-te-ha de baze á estatua colossal!

U.V.

FOLHETIM.

Leitor.

Na la ha tão empanzinante como sup-
por-se humorístico um folhetinista, e
roubar-vos o tempo e a paciencia com
as suas sensaborias.

E' uma couza de enjoar á todo mun-
do; mas uma vez que comprometti-me
á aborrecer-vos aqui estou na firme
intenção de conversar estiradamente
com voseo.

E' uma mania como outra qualquer.
Nem todos nasceram para o bom sen-
so. Conheço um sujeito muito barri-
gudo, á semelhança de um toiro, que
deu em arremetter á gente pelos jornaes
com o fim de dar expansão ao genio

maniaco com que dotou-o a natureza.
Nesse empenho levanta-se muito cedo
e anda batendo nas portas como um
endemoniado, annunciando as suas
façanhas.

Aconselho-vos, meu caro leitor, um
meio muito simples para aturardes es-
sas couzas. Muni-vos de um lenço e
de uma caixa de rapé. E' um con-
selho prudente que me deram e que
me tem aproveitado. Sorvei uma pi-
tada, e vereis quanta philosophia não
encerra ella em seus effeitos salutaes.
Dissipar-se-hão as vossas prevenções,
e encher-vos-heis de paciencia para
todos os casos de aborrecimento.

Não sabeis de uma novidade? O
palacio encantado, aquelle celebre pa-
lacio de que vos fallei na minha pri-
meira entrevista tem dado o que fazer.
E como não ha de ser assim si todos

são movidos pela curiosidade de o conhecerem!

Estamos nadando como sempre em um mar de rosas: nada se diz nos periodicos com relação as cousas da provincia, mas em familia todos se queixam. Quantas reclamações, quantos calotes à se reproduzirem!... Já não morrem de inanição e de fome nas estradas os infelizes retirantes!! Tudo vai passando à-bien passer!

D'ahi o grande descredito em que tem cahido a politica entre nós.

E' um mysterio tudo. Só Deus sabe quando nós esclareceremos.

Não posso deixar de fallar-vos com emoção do brilhante] divertimento que teve lugar no dia 8 do cadente mez. offerecido a um amigo dedicado e um cavalheiro distincto o Illm. Sr. Joaquim Alonso Moreira de Almeida, que no dia 13 seguiu com a sua Exma. familia para a provincia de Sergipe, á fim de tomar posse do cargo de inspector da respectiva thesouraria. Foi um divertimento muito concorrido e todos procuravam manifestar-lhe o prazer de que nessa occasião se achavam possuídos. Ornado de qualidades muito nobres mereceu sempre e ha de merecer em todas as sociedades a sympathia dos homens bem. Teve um digno acompanhamento e a todos deixou inexprimeveis saudades.

Fallando nas cousas do governo, foi-se a eleição directa. Felizmente não estou envolvido nos acontecimentos do Estado. O paiz acha-se sobrecarregado de impostos, e o diabo é que estou sentenciado a concorrer para os esbanjamentos publicos com 5 %.

Vai tudo muito bem!

Tem havido seus assaltosinhos a noute, e a policia a dormir que é um regalo, ou a epreguiçar-se a espera de que lhe caiam do céu as descobertas do crime.

Tomai, leitor!... Aconselho-vos isto, tomai uma pitadinha. E' o meio de que me sirvo para serenar o espirito quando penso nessas desgraças. Tudo provem da importação de certos personagens. Ahi é que está todo o mal. Hei de erigir-lhes as estatuas nos pateos dos hospitaes e em todos os lugares por onde passarem com os seus cortejos de infelicidades.

Balia-se em cousas do Estado, mas nada pesco de politica, como ja vos disse uma vez, e Deus me livre de intrometer-me nella. Santo Breve da Marca! tenho muito medo de malquistar-me com as Musas de quem sou adepte; e por isso,

Muito folgo de viver
Sem cuidados e afflicção,
Ou sem nunca me envolver
Em barulhos de eleição.

Ou então,

Prefiro o saibro de um beijo,
O fogo de uma paixão,
A' todo e qualquer desejo
De votar n'um figurão.

Por fallar em figurão, anda por ahi alguem muito despeitado com a lista dos deputados provinciaes para o proximo biennio de 1880 a 1881.

E' por isso, que muita gente tem ficado com o cerebro abalado. Não eu que me ponha a disposição da Santa Casa de Misericordia.

Cuidado, leitor, anda tudo entupido e não é das melhores cousas. Ponho-me ao fresco antes que me entupam tambem.

Vosso humilde e escabriadissimo servo

Mephistopheles.